CAMINHOS QUE TRILHEI

“Um dia a saudade deixa de ser dor e vira historia para contar e guardar para sempre.

Algumas pessoas são, sim, eternas dentro da gente!”

Autor Desconhecido

Agradecimentos

Um agradecimento especial à minha sobrinha Denise, por ter prefaciado este livro, encontrando um tempo nos seus dias tão atarefados e cheios de compromissos, para atender a este pedido meu.

Agradeço ainda todo o carinho que Cecília (*minha sobrinha neta querida*) teve, criando a linda e significativa capa que inicia este livro.

Meus agradecimentos também ao meu irmão Quinho por sua colaboração incondicional em todas as minhas iniciativas.

Por fim, meu sincero "*muito obrigada*" aos leitores que me prestigiarem lendo ou recomendando esta minha obra.

Dedico esta narrativa à minha querida família, por representar o mais importante apoio que sempre tive na vida.

ÍNDICE

Prefácio	9
Nota da Autora	12
Introdução	15
O Patriarca da Família Rennó	18
CASA PATERNA (Cap. I)	21
Rua Xavier Lisboa	24
O Trenzinho da Fábrica	28
Saudade (poesia)	33
VERDES ANOS (Cap. II)	35
A Fuga	39
Enchente de 1945	41
Proezas do Chiquitão	44
“Micos” da Minha Infância	47
CONTINUAÇÃO DE VERDES ANOS (Cap. III)	51
A Mangueira Mágica	53
Quem Ri por Último Ri Melhor...	55
MEU PAI “CHIQUINHO PEREIRA” (Cap. IV)	57
Uma Prova do que Disse Acima	61
Estórias que meu pai contava	64
Fatos acontecidos mesmo	75
TRANSFORMAÇÕES (Cap. V)	83
LUTO (Cap. VI)	87
Última Carta de Papai (*cópia manuscrita*)	9
Última Carta de Papai (*cópia digitada*)	98
Ana Maria	99
Aninha (poesia)	101

Mariângela 102
MAMÃE, AQUELA GUERREIRA (Cap. VII) 104
Criança tem cada uma... 106
Travessuras de criança 107
Continuando a Falar de Mamãe 109
A Geração do Pastinho da Dona Mariinha 114
Uma Historia de Amor 119
Deus Escreve Certo Por Linhas Tortas 122
JUVENTUDE (Cap. VIII) 126
A Lua Entendeu (poesia) 128
Sustos – Filme de Terror 132
Uma amazona estabanada 133
Visita Indesejável 137
Uma Louca no meu Caminho 138
Sufoco 140
FOLGUEDOS DA JUVENTUDE (Cap. IX) 143
Carnaval antecipado 143
Glamour Girl 145
Um Episódio Romântico 146
NOVOS TEMPOS (Cap. X) 151
Pérolas dos Meus Alunos 156
E A VIDA CONTINUAVA (Cap. XI) 158
Bodas de Ouro – 2006 – Francisco e Maria Inês 158
NOSSOS VIZINHOS PREDILETOS (Cap. XII) 171
"Zé Rennó" e Suas Piadas – Na sala do barbeiro 174
Consulta médica 174
Viagem antecipada 175

Viagem à Itália 176
Você já foi a Lavrinha? 176
Lembranças de um Aposentado 177
Teatro do Interior 180
Ainda de Teatro 181
Mais uma de Teatro 182
Casal Moderno 182
Esta é demais... 183
Um fato, uma ingratidão 184
Um Antigo Campeão 185
Glycia 188
Estória de um Guerreiro Japonês 194
Uma Tia Especial – Tia Chiquita 197
XAVIER LISBOA N° 226 (Cap. XIII) 200
Hist. de Certas Bodas de Ouro... – Jomar e Besita 2011 200
Bodas de Ouro de Jomar e Besita 201
Disc. prof. por meu irmão – Francisco Rennó Neto 202
Bodas de ouro (poesia) 203
Agradecimentos 209
Alguns agradecimentos especiais 210
Amigos de Verdade - Luizinho 212
Darcy 214
E A VIDA CONTINUOU (Cap. XIV) 217
Minha sobrinha poetisa 217
Tiradas do Luiz Flávio 219
EM BRASÍLIA (Cap. XV) 223
Achados e Perdidos 224

Perdidos que não Voltaram 229
ADEUS BRASÍLIA (Cap. XVI) 232
Histórias Inexplicáveis 235
Um Presente Inusitado 241
OS FILHOS E NETOS DE MINHA IRMÃ (Cap. XVII) 243
"Uma Crônica" – autoria de Denise Maria Rennó 244
"Ter Tempo" – autoria Denise M[a] Rennó 246
Gente Nova no Pedaço 247
Meu Sobrinho Luiz Flávio 253
MORANDO EM SÃO PAULO (Cap. XVIII) 256
SANTOS (Cap. XIX) 259
DE VOLTA ÀS ORIGENS (XX) 261
Estância dos meus Sonhos 262
Paz (*poesia*) 265
MUDANÇA INESPERADA (XXI) 266
A Majestade O Sabiá – (canção sertaneja) 267
EPÍLOGO – Nossa Esperança de Futuro 270
Cá Estão Eles, Os Nossos Herdeiros – Lucas 271
Francisco 272

PREFÁCIO

Quando a tia Ignez me pediu que escrevesse o Prefácio de seu livro, demorei a fazê-lo, não por falta de tempo – tempo arruma-se – mas porque a responsabilidade de escrevê-lo é muito grande. Prefaciar um livro que foi feito com tanto carinho e por uma pessoa muito especial para mim, devo confessar, é bastante difícil. Assim, hesitei ao fazê-lo. Porém, exatamente pelo carinho e afinidade que tenho com a querida tia Ignez, eu não poderia recusar um pedido dela.

Antes de começar, precisava ler o livro que ela acabara de escrever. Embora ela o tivesse começado há bastante tempo, ainda havia alguns ajustes que estavam sendo terminados e, então, aguardei para que pudesse fazer a leitura. Esperei também pela capa que a Cecília estava desenhando e, recebendo algumas páginas, comecei a ler.

Primeiramente, desde o início, já me deliciei na leitura. Imprimi e encadernei um primeiro "boneco" para lermos. E assim, pude manusear o formato do papel, escrito e concreto de uma história de vida!

Na verdade, ao relatar os fatos, a tia Ignez me fez relembrar de cada palavra do texto. Relembrar porque conhecia a maioria das histórias e, mesmo não tendo vivido em alguns tempos relatados por ela, nem tendo vivenciado algumas histórias, já me sentia dentro de toda a atmosfera... Ria com histórias engraçadas, relembrava frases e

ditos, chorava com momentos de tristeza tão bem colocados pela tia, que, diga-se de passagem, é uma excelente escritora!

Alguns momentos também me arrancaram lágrimas por se tratarem de histórias dentro das quais eu estava. Vi-me, senti como se aqueles dias, aqueles momentos preciosos, estivessem de volta... Emocionei-me!

A capa, agora já finalizada, desenhada por minha querida filha, Ceci. Amei como ela colocou um “resumo” de todas as partes principais do livro em seu belo desenho. Ao colorir, ela foi muito feliz com a distribuição de cores e sombras. Parabéns Ceci! Você é muito especial e talentosa!

O modo como a tia distribuiu o livro ficou excelente. Em meio aos seus relatos, escreve histórias contadas, vivenciadas, expressadas por ela e por todos que aparecem no livro, revelando todo o seu ser, seu parecer, sua sensibilidade e visão, mostrando-se como uma pessoa sensível, alegre, e ao mesmo tempo forte, decidida que é. Suas impressões, sentidos para cada uma das histórias e “causos” que conta, revelam ao leitor a transparência de que é feita essa pessoa encantadora que é a Tia Ignez.

Suas descrições minuciosas, carregadas de seu espírito sensível e apurado, nos fazem mergulhar, entrar no enredo do que se passa, como se tivéssemos tendo cada detalhe e sentindo cada segundo do tempo, criando uma atmosfera que nos envolve enquanto

participamos do relato. Sua captação do que é relevante nesses anos todos, tanto da questão dos acontecimentos quanto da seleção de fotos, cartas, poesias, escritos, nos trazem brilhantes “insights” de como tudo se procedeu.

Ao término do livro, nos traz uma brilhante surpresa, pois ao encerrá-lo, realmente mostra-nos que este livro é somente “um momento neste imenso tempo”, o início de outra época, que apenas se principia, com os nascimentos dos mais novos descendentes da família – Lucas e Francisco - a qual, me orgulho muito de pertencer.

.....

Finalmente, tia, eu tenho só que lhe agradecer por me confiar a redação deste prefácio o que faço com muita satisfação. Sei que não chego aos seus pés no quesito escrever, mas tenho muito orgulho de ter tido você como professora também além da tia maravilhosa que você é. Desculpe-me se não superei sua expectativa quanto ao prefácio, mas tenha certeza de que o fiz com carinho.

Aos leitores, aproveitem ao máximo este livro, pois para aqueles que viveram as histórias presentes nele, além de terem de volta bons momentos, terão um pouquinho do muito que é essa linda pessoa chamada Tia Ignez. E para os demais, apresento-lhes a linda Tia Ignez. Boas trilhas para vocês!

Denise

São Paulo, 15 de novembro de 2013

NOTA DA AUTORA

Amigo leitor.

Hoje, dia 15.01.83, estou iniciando os rascunhos de um livro ao qual pretendo dar o nome de “quem conta um conto...”, se este já não for o título de algum livro escrito anteriormente. A propósito, estou na Estância, nossa pequena fazenda, no Sul de Minas, numa tranquilidade bonita de piar de pássaros e desta chuva fina, com a qual Deus nos presenteou, neste janeiro de 1983...

Em “quem conta um conto...” procuro recordar com saudade passagens de minha infância ou vividas por pessoas de minha família, incluindo antepassados, há muito falecidos ou caçulinhas, com poucos anos de muita peraltice.

O livro, portanto, não tem época certa, nem quero prometer uma ordem rigorosamente cronológica na apresentação dos fatos. Ao contrário, quero permitir-me certas irreverências e alguns abusos contra a “última flor do Látio” que, espero, os amigos compreenderão e os eruditos, certamente, perdoarão.

Aqui, o meu “jeito de contar” é realmente o de menos, pois cada caso é importante por si só, seja pela gaiatice, nostalgia ou ternura que envolva.

Os personagens são autênticos (*esta a razão de seus nomes verdadeiros serem citados*) e os casos verídicos. Amá-los,

interessar-se por eles ou criticá-los, dependerá única e exclusivamente de vocês, conforme seu maior ou menor grau de sensibilidade.

Por mim, espero que todos gostem deles. Foi pensando em agradar aos leitores que me entusiasmei em colocar no papel toda a minha espontaneidade ao escrever este livro.

Ei-lo aqui, para fazer-lhes companhia nos seus momentos de lazer ou solidão...

.....

Estou aqui, 30 anos depois (*2013*) e reiterando tudo o que disse nesta Nota, anteriormente. Quero só afirmar que este livro é, principalmente, uma narrativa despretensiosa do que vivi e que, por isto solicito seja lido com compreensão e a mesma simplicidade.

O nome do livro não será o anunciado no início desta nota. Passou-se tanto tempo, que fui informada que agora já existe uma coleção de contos chamada: “quem conta um conto”...

Assim sendo, minha narrativa passa a chamar-se:

“Caminhos que trilhei...”

A autora



Meus dezoito anos

INTRODUÇÃO

Nasci em uma “tradicional família mineira”, numa pequena cidade encravada nas montanhas do Sul de Minas: Itajubá.

Meu pai, um grande homem (*pelo menos para nós*), que dizia de si ser apenas um homem grande, pela sua estatura de quase dois metros, encantou-se pelos olhos verdes e pernas bonitas da moça pequenina, mas de uma fortaleza de espírito e ação, que era minha mãe. Depois de um curto namoro, casou-se com ela em segundas núpcias. Assim, depois de muitos anos de viuvez, meu pai formou, a bem dizer, sua terceira família, pois, no intervalo entre uma esposa e outra ele teve tempo suficiente para criar e dar educação a um grande número de sobrinhos e sobrinhas, que sempre o consideraram como um segundo pai.

Da união daquele gigante louro, de coração tão grande quanto seu próprio corpo, com minha mãe, pequenina, porém de uma fibra incrível, foi que surgi, lá pelos idos de 1937.

Tive uma infância maravilhosa, graças aos desvelos de minha mãe e meigo carinho de papai, que mais parecia meu avô, pois, naquela época ele já era um homem quase idoso.

Formávamos uma grande família, constituída por meus pais, meu avô materno, que morava conosco, mais dois irmãos por parte de pai e ainda um irmão adotivo, minha irmã caçula e eu.

Eu e minha irmã, como caçulas, sempre recebemos muito carinho de todos os outros.

Porém, só pudemos desfrutar da companhia daquele pai maravilhoso até completarmos 14 e 12 anos, quando ele nos foi abruptamente arrebatado por um colapso cardíaco fulminante. Nossa infância, praticamente, acabara-se ali, com sua morte.

Desde então ficamos sós: minha mãe, nós duas e nosso querido irmão adotivo (*na realidade, neto de papai, por ser filho de nossa meia-irmã, que morrera ao dar-lhe a luz*) Francisco a quem sempre chamamos pelo apelido carinhoso de Quinho.

Foi após a morte de nosso pai, que mamãe provou toda a fibra de que era dotada. Deu-nos carinho redobrado, ao mesmo tempo em que mantinha em ordem as finanças da casa e zelava pela herança deixada por meu pai. Esta herança, não só de bens materiais, mas, principalmente, de honradez e bondade, nas quais ele era mestre e grande possuidor.

Agora, com 45 anos de idade, sinto-me cheia de vida e com uma energia que bem justifica o dito popular de que: *"a vida começa aos 40"*. Não me casei. Namorei muito, tive meus amores, apaixonei-me algumas vezes, enganei-me sempre, decepcionei-me muito mais. Desisti de tentar compreender os homens.

Mesmo não sendo totalmente feminista, acho que o homem tipo "machão" tem seus dias contados. Pena que eu, no futuro, talvez, já não esteja aqui para assistir sua completa extinção.

Amo a liberdade e todas as vantagens que ela oferece. Considero o respeito ao outro como a forma perfeita de se doar e receber amor. Sou feliz, porque tenho vivido sem ambições, ou melhor, com a ambição única de fazer amigos. Com esta filosofia, acumulei tesouros inestimáveis no coração dos amigos que fiz. Só espero que também Deus leve em conta minha maneira de entender a vida e a caridade, pois só assim poderei entrar no paraíso...

.....

(*Iniciei este livro há trinta anos. As primeiras páginas escritas ficaram esquecidas numa gaveta durante todo este tempo e só*

agora, com 75 anos, as retomo a fim de completá-las, para a realização de um sonho há muito tempo acalentado.)

Muitas mudanças surgiram em minha vida neste período, mas ao reler o que escrevi antes, convenci-me de que continuo a mesma, principalmente na minha maneira de pensar e agir.

Hoje sou uma aposentada vigorosa, de caráter forte, com uma saúde de ferro e um coração maior do que o mundo.

****

Achei por bem acrescentar aqui um texto redigido na época da festa comemorativa da família Rennó, em Julho de 2012, como complemento ao conteúdo deste livro:

O PATRIARCA DA FAMÍLIA RENNÓ

Resumo do texto de Lia Rennó Ribeiro Costa

Histórico – A família **RENNÓ** no Brasil teve origem na união do casal: **Johann Christian Gottlieb Rennow** e **Ana Joaquina Ferreira,** ele alemão de origem, e ela brasileira.

Dr. Johann Rennow - Nasceu no dia 17 de dezembro de 1790, na cidade de Ludwigslust, Ducado de Mecklenburg – Schwerin, hoje, Estado Federal de Mecklenburg - Vorpommem - República Federal da Alemanha. Seus pais, que eram luteranos, foram: **Johann Christian Conrad Rönnow (Rennow)** e **Eleonore Christine Marie Evers.**

Da infância do patriarca nada sabemos, pois ele era um homem reservado, lembrando com saudades de sua mãe e nunca comentando os horrores da época napoleônica. O período de 1806 a 1815 foi o período em que se preparou para a vida, tendo se formado em medicina, ainda na Alemanha.

Alistou-se como "oficial médico" no Exército Prussiano e participou de inúmeras batalhas nas "Guerras Napoleônicas".. Desgostoso com o regime imposto na época deixou o Exército e voltou para sua terra Ludwigslust em 1816. Em 1817 partiu da Alemanha com destino ao Brasil, tendo viajado pelo navio holandês "Nepthunus".

Segundo Maria Amélia Salgado Loureiro, filha de Plínio Salgado:

"Dr. Johann Rennow desembarcou no Rio de Janeiro e se apresentou à Intendencia de Policia onde recebeu o registro de chegada".

Aqui chegando comprou numerosos escravos na Bahia e fixou residência na Vila de N. Senhora da Luz e do Bom Jesus dos Pinhais de Curitiba – hoje **Curitiba**. Em Curitiba o jovem médico conheceu **Anna Joaquina**

Ferreira, filha do Sargento Mor Antônio José Ferreira, governador da Vila de Curitiba e de Dona Beatriz Anna de Oliveira e encantou-se com ela.

Anna Joaquina Ferreira – Nasceu em 1793, casou-se em 1820 e esteve casada até sua morte, com 66 anos, em 1859.

Johann, sendo luterano, converteu-se, solenemente, ao catolicismo e foi batizado na Igreja Católica em 25 de junho de 1820, depois do batismo adotou o sobrenome do padrinho, passando a assinar Dr. João Rennó de "**França",** em homenagem ao padrinho, conforme costume da época.

Em 1º de agosto de 1820 casou-se com Anna Joaquina Ferreira e o casal continuou morando em Curitiba onde nasceu sua primeira filha: **Mª Luiza Rennó**,.Depois do nascimento da filha, em 1824, Dr. João Rennó de França, atendendo a um convite de seu cunhado, organizou uma "bandeira", com escravos e camaradas e partiu de Curitiba para Minas Gerais, atravessando todo o sertão paulista, numa longa viagem. Estabeleceu-se em Minas Gerais, residindo em Itajubá, na "Fazenda Palmeirinha", de sua propriedade. O 2º filho, primeiro varão, nasceu durante a viagem, em Castro, Paraná, recebendo o nome do avô materno: **Antônio José Rennó**.

Em Itajubá passou a viver da agricultura e agropecuária, enquanto praticava a Medicina. Tornou-se assim o "1º Médico de Itajubá". Vivia da agricultura, porém sempre clinicou gratuitamente... Dr. João Rennó de França era homem culto, possuía livros em alemão e francês e falava várias línguas.

Em Itajubá nasceram os outros 6 filhos do casal:

- **Cândido João Rennó;**
- **Luiz Francisco Rennó;**
- **João Joaquim Rennó;**
- **Matilde Sofia Rennó;**
- **Anna Joaquina Rennó;**
- **Virgínia Emília Rennó.**

Depois de viúvo, inconsolável com a perda de sua Anna Joaquina, mudou-se para **São Bento do Sapucaí**. Levou com ele as filhas Matilde Sofia e

Anna Joaquina, deixando a caçula Virgínia Emília na companhia do irmão Antônio José Rennó.

Em São Bento, Dr. Rennó entregou-se à educação dos netos.

Como todo homem, que nasce, caminha na vida e chega à hora de partir para a Eternidade, assim, aconteceu com Dr. João Rennó de França, que viveu como bom cristão e praticou sua fé, assumida no dia de seu batismo. Ao aguardar a partida, chamou toda a família e recomendou-lhes, especialmente, a "Caridade". Com o crucifixo nas mãos, exclamou, olhando para a imagem de Jesus:

"__Como está me valendo o "Deus lhe pague" dos pequeninos, os pobres".

Faleceu tranquilamente aos 82 anos, no dia 06/outubro/1872.

****



Ludwigslust, Ducado de Mecklenburg – Schwerin, hoje, Estado Federal de Mecklenburg

I

CASA PATERNA

Pela lembrança que tenho a mesa era farta e repleta de convivas. Mesa grande, quadrada e maior ainda quando era toda esticada (*por ser elástica*) para atender à família inteira, durante as refeições.

Numa das cabeceiras sentava-se o vô Joaquim, um homem de aparência frágil, pequeno, de feições delicadas e sisudas, porém muito elegante. Todas as tardes ele se arrumava todo e saía a passear pela cidade. Nós (*as crianças*) nunca sabíamos por onde ele andava todo de terno, o infalível chapéu de feltro meio fora de época na cabeça e uma bengala para completar a elegância. Falava pouco e não se interessava muito por crianças, razão pela qual eu nunca soube o que era carinho de avô, pois apenas esse avô conviveu conosco. Os outros já estavam mortos, quando nasci.

Ele ficara viúvo algum tempo antes de meu nascimento e não se casara mais. No entanto, para os adultos, essa viuvez explicava aquelas saídas ao entardecer, pois sabiam que ele ainda era um homem viril, naquela ocasião.

Vô Joaquim sofria do estômago, por isso sua comida era cozida separadamente e servida também em recipientes separados, durante a refeição do restante da família.

No café da manhã era interessante observá-lo abrindo com a colher de sopa as grandes torradas em formato de cubo, compradas especialmente para ele. Eram tão secas que precisavam ser saboreadas com algum líquido para que não se engasgasse. Pelo menos era isto que minha imaginação de criança deduzia, ao vê-lo comer, com tanto prazer, aquelas torradas que, a meu ver, não tinham gosto de nada, intercaladas com grandes goles de café com leite.

Vez por outra ele viajava e passava longas temporadas ora em Belo Horizonte, ora em Juiz de Fora, onde moravam os dois irmãos caçulas de mamãe. Creio que ia apenas passear, porque curtir os netos (*pensava eu*) era coisa que não devia fazer.

A outra cabeceira da mesa era reservada ao chefe da família, meu pai, de aparência completamente oposta à de meu avô.

Meu pai, conhecido como Chiquinho Pereira, tinha quase dois metros de altura, era corpulento, amável e muito carinhoso. Seus olhos eram de um azul límpido, estava sempre sorrindo, era bondoso, gostava de contar piadas e tinha uma infinidade de amigos.

Casara-se com minha mãe em segundas núpcias, por isso moravam conosco dois meio irmãos, ainda solteiros naquela época. Estes dois, mais meu irmão Francisquinho sentavam-se numa das laterais da mesa e na outra lateral sentávamos mamãe, eu e Besita (*minha irmã caçula*).

Meus meio irmãos, Chiquitão e Tozinho, estavam sempre apressados. Chegavam à última hora para as refeições e, logo que comiam, pediam licença e já se mandavam. Por mais esforço que meu pai tivesse feito para convencê-los, nenhum dos dois quisera estudar mais que o curso ginasial. Por essa razão meu pai dera um carro a cada um, para que trabalhassem com “carro de praça”, o precursor dos taxis atuais. Eles pareciam felizes e estavam quase sempre de bom humor.

Os três caçulas da casa eram: um irmão, cinco anos mais velho do que eu, e uma irmã dois anos mais nova. Éramos tratados pelos outros com o maior carinho. Éramos os xodós da casa.

Nossa infância ia transcorrendo sempre com muita tranquilidade.

Morávamos bem próximo do centro da cidade e mais perto ainda das escolas que frequentávamos. A escola de meu irmão, Colégio de Itajubá, ficava a menos de uma quadra de casa. A Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, escola de freiras, onde eu e minha irmã estudávamos, ficava um pouco à frente, no fim da rua.



Nós, "os caçulas", em Aparecida do Norte
(Por que será que eu estava tão emburrada?)

.....



Casa onde nasci e vivi até meus 26 anos de idade.

RUA XAVIER LISBOA

Ah, aquela rua onde morávamos em Itajubá, quando éramos pequenos!

As outras crianças, espalhadas por outras ruas muito mais centrais, nos invejavam, tínhamos certeza disso!...

Afinal, era ali que aconteciam as coisas mais "importantes" e bizarras da cidade!

Numa das pontas da rua, no alto da pequena colina, ficava a igreja matriz e o IEI (*a escola de engenharia, hoje UNIFEI*), na outra, a igrejinha de Nossa Senhora dos Remédios, que, ao mesmo tempo, era a capela do colégio das irmãs, onde estudavam todas as meninas e mocinhas "bem" da cidade. Havia ainda o Grupo Escolar Theodomiro Santiago e o Colégio de Itajubá (*que mais tarde seria vendido aos padres*), onde estudavam os rapazes, futuros candidatos à escola de engenharia.

As paqueras no vai e vem para as aulas aconteciam todos os dias, sem falar nas brigas, que às vezes saíam entre estudantes de uma escola e/ou de outra.

No fundo das casas, inclusive a nossa, corria o Rio Sapucaí que, pelo menos uma vez por ano, nos brindava com uma enchentezinha. Enquanto os mais velhos rezavam (*quando começava chover um pouco demais*) para que o rio não transbordasse, nós ficávamos torcendo pelo contrário, e colocávamos pauzinhos fincados, que iam marcando o avanço das águas... E, quando elas subiam e alagavam as ruas, então, era festa, porque muitos moradores de outras ruas vinham apreciar a enchente e nós, as crianças, nos esbaldávamos na água, apesar da proibição de nossos pais.

Uma vez por ano, por ocasião da festa de Corpus Christi, a rua se engalanava para a procissão mais importante da igreja católica. As toalhas mais lindas saíam das gavetas perfumadas para enfeitar as janelas e a rua se enchia de bandeirolas coloridas, até que a procissão passasse, carregando o corpo de Deus. O vigário, levando nas mãos a custódia com a hóstia consagrada, seguia no lugar de honra, ladeado por anjinhos contritos, enquanto os fiéis cantavam hinos religiosos.

Pela nossa rua também costumavam passar alguns pedintes loucos, bem na hora da saída das escolas, para aumentar a algazarra que reinava então. Os moleques os insultavam e eles, nervosos, respondiam com impropérios e palavras de baixo calão, mas, no meu entender, eles bem que gostavam de ser notados pela multidão de crianças que esbarravam neles nesta hora de confusão. Por acaso eles não escolhiam exatamente aquele horário para passar por ali? Para um deles os moleques gritavam:

__ “Peru, galinha morta!” E ele, coitado, com a mente perturbada e a boca espumando de raiva, gritava e xingava da pior maneira que podia, saltitando e batendo os pés no chão, desajeitadamente.

Havia também a Clara. Para esta pobre mulher os garotos tinham a frase:

__ “Não como ovo por causa da clara”, ao que ela também respondia com muitos impropérios, pois, não sei por que, ficava muito ofendida...

Como eles, havia também o Chico Mata Sapo, o Coronel Estevão, assim chamado porque colocava muitas medalhas de condecoração por toda a frente do paletó e acreditava piamente que era um Coronel e que suas medalhas haviam sido merecidas mesmo. Ele gostava muito de visitar o Fórum, pois lá todos os funcionários dos

diversos cartórios o consideravam bastante bem e davam-lhe polpudas esmolas.

Tudo isto fazia o encanto daquela querida Rua Xavier Lisboa, tão rica em bandos de crianças e muita alegria. Porém, o que de mais excitante que lá acontecia, era, sem dúvida, a passagem dos bois para o matadouro local.

Quantas cenas engraçadas e/ou emocionantes nós assistíamos naquelas ocasiões. Engraçadas, quando os bois eram tangidos pelos boiadeiros, no mesmo horário de saída das aulas. Era um corre-corre e uma gritaria infernal. Todos procurando um lugar seguro para se esconder e, ao mesmo tempo, poderem assistir de camarote à correria dos outros. Ou então, assistir a criançada que gritava mais por gritar, apenas para participar com maior entusiasmo da vibração do momento. Emocionantes, quando algum boi mais esperto desconfiava estar indo para a morte e empacava, mugindo de dar pena, ou ainda quando boiadas inteiras passavam berrando tristemente...

Tínhamos sempre que ter os portões cerrados, para impedir a entrada dos bichos, mas nunca trancados para permitir que nosso jardim fosse um refúgio seguro para os assustados estudantes, na hora do aperto.

Foi numa dessas ocasiões que o Sr. José Rennó, depois de ter entrado na casa dele e guardado o carro, ouviu lá fora, o alarido de uma pequena boiada que passava e apressou-se a fechar o portão. Passou pela porta da frente e fechou o portão do jardim, quando o boiadeiro a cavalo, em frente de sua casa, lhe disse:

__ “Cuidado, seu Zé, o boi é ”brabo”!

__ “Não tem perigo, respondeu ele, já tranquei o portão”.

__ “É, mas o senhor trancou o boi aí dentro, junto com o senhor”!...

Ele, mais que depressa, pulou pra rua e procurou abrigo em outro portão... Porém, nunca mais esqueceu o susto que levou...

E nós, crianças daquela época, nunca mais deixaremos de sentir saudades daquela rua.

A rua onde tudo de bom acontecia inclusive a nossa infância...